

Correio das Artes

ANO 1 Número 17 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 17-7-1949



CLIMA E MISCEGENAÇÃO

HILTON MARINHO

Em estudo anterior, procurando caracterizar em seus aspectos mais facilmente distinguíveis o atual movimento literário dos "Novos" em nosso país, apresentei como particularidade da produção indígena, a exuberância de produção, a quantidade de obras, responsabilizando como causas do fenómeno dois fatores diversos, um físico e outro étnico. Adiantava ainda que esta característica — a proliferação exuberante — se fazia notar em todos os movimentos anteriores da nossa vida artística e literária.

Clima e relevo, ao lado do caldeamento étnico, são os fatores a que me referi e dos quais agora me ocupo mais a vapor.

Natureza tropical, excessivamente pujante em todas as suas manifestações, subjuga homens e cousas à sua influência, trazendo-os cativos ao seu encanto e à sua força. Pujança aliada a variações estonteantes, e às apresentando em modificações rápidas e inesperadas que a extensão territorial e o relevo desigual em parte justificam.

Observando detalhadamente estas condições pa-

culares do nosso país e procurando estabelecer relações de causa e efeito, com a nossa produção artística e literária, fácil é notar logo ao primeiro exame, como resultante desta influência, os chamados grupos regionais ou pequenas escolas literárias, limitadas geograficamente a uma certa região e caracterizadas por um sabor peculiar de cada uma delas, seja amazonense, nordestina, paulista, ou gaucha. Assim temos uma escola do Recife, representativa de toda uma região e que tomou o nome do maior

centro cultural do Nordeste, na realidade já atrincheirado há vários anos as atividades de paraibanos, pernambucanos, alagoanos e norte-riograndenses, no campo da literatura e da arte. Uma escola gaucha, retratando as atividades culturais do pampa e adjacências, vivendo à sombra amiga da Editora "Globo". Convém salientar entretanto, que em muitos casos, a influência do meio se faz sentir com tal intensidade como que gravando e moldando as produções literárias, impedindo de um certo modo, prin-

cipalmente na ficção, uma universalização de temas ou assuntos, juncindo o autor a um regionalismo estreito, do qual parece que lentamente os "Novos" já estão se libertando.

Não é meu propósito, no momento pelo menos, tratar das vantagens ou desvantagens da influência um tanto coarctadora do meio, na produção literária; desejo simplesmente assinalar a sua existência. Esta nos aparece, ora caracterizando uma pequena escola literária, ou seja em sua forma adulta, ora assinalando um simples movimento, ou de outra maneira, se fazendo notar como fator predominante na obra de determinado autor, ocorrentando-o de tal maneira as influências ambientes, que se torna prejudicial ao conjunto de sua produção, por deixá-lo limitado a um horizonte restrito. O que realmente não podemos negar é a multiplicidade de motivos, a riqueza de material humano ou paisagístico, que o nosso "habitat" oferece ao autor, provocando, excitando, agindo sobre os sentidos, proliferando em contribuições várias e múltiplas nas belas artes e literatura. Há na ficção bra-

MISSO LONGHI

ANTONIO PINTO DE MEDEIROS

À DISTANCIA O CANTO DAS ONDAS,
O ESTRIBILHO DAS ONDAS,
PERDE O SENTIDO E A CONSONANCIA HEROICA,
E MORRE A ESPUMA À FUGA DA ALMA BRANCA,
QUE O SOFRIMENTO NAS ROCHAS LHE INFUNDIRA,
PARA A REÍNCARNAÇÃO EM OUTRAS ROCHAS.
AONDE CONDUZ O RITMO DA VIDA
EMBALADA NA VAGA ARDENTE E SENSUAL?
ONDE SE ESCONDEM AS PAISAGENS
QUE A AUSENCIA DO SOL MISTICO ENLUTOU?
Ó MUNDO! Ó VIDA! Ó TEMPO!
QUEM RECOLHERÁ OS CANTOS PERDIDOS
NO SEPULCRO ETERNO,
AGORA QUE A FOGUEIRA SERENOU
E AS CINZAS ESQUECIDAS
NÃO CONTAM OS MISTÉRIOS QUE A VIDA ESCONDIA?

silveira um exemplo interessante de romancista, que recebendo de sua região uma contribuição imensa de material e influências, ficou ligado umbelicalmente a ela e fóra dos seus motivos torna-se incolor e desinteressante. O regionalismo que serviu para sua consagração, tornou-se senhor tirânico e exigente.

A influência de nossa natureza sobre o nosso homem, muito embora venha de apresentar alguns inconvenientes, tais como o que citamos, se nos apresenta de uma maneira geral como benéfica e positiva, colocando nossa produção literária em nível bem elevado, principalmente se levarmos em consideração o nosso alarmante índice de analfabetos e poucos meios de difusão cultural. Somos um povo de elites quase inexistentes, comparadas ao número de habitantes, sofrendo dos males de nação pobre e de falta de orientação econômica e política. Seria de esperar que nossas manifestações na literatura e na arte, acompanhassem no mesmo nível a nossa vida econômica e social. A realidade porém é bem outra.

O segundo responsável por esta situação lisonjeira de nossa produção ar-

tístico-literária, acreditamos ser o caldeamento étnico de nossa população. É doutrina pacífica em ciência, que o mestiço é exuberante físico e mentalmente. A mistura de raças, em cruzamentos múltiplos como em nosso caso, como que renova energias e aguçava sensibilidades. O mestiço é nervoso, sensível, dotado de percepção aguda e inteligência viva, sendo porém normal. É rico de gestos e espontaneidade.

Este conjunto de fatores, tornam o nosso homem predisposto a arte e a literatura, muito embora pouco constante no estudo dos detalhes e na pesquisa científica. Isto bem se verifica na nossa vida cultural, com um bom volume de obra poéticas e de ficção, ensaios ligeiros, oradores brilhantes, porém poucos cientistas ou pesquisadores.

Somados pois os prós e os contras advindos desta dupla influência, o computo final é animador.

O atual movimento dos "Novos", muito embora se encaminhando em busca dos temas universais ou enveredando nos oblismos insondáveis da introspecção, aqui entre nós, sofre a influência intensiva e empolgante do "habitat" e da mestiçagem irrequieta dos seus autores.



POEMAS

JUAN JOSÉ DOMENCHINA

1

UMA ETERNIDADE SEM PALAVRAS,
COM SOMENTE O FRIO DAS ALMAS?

2

DA A TEU VICIO UM NOME AUSTERO
E ASSIM O TERÃO POR VIRTUDE.

3

LAUREL DO NOSSO ESFORÇO: A MORTE.

Tradução de EDUARDO MARTINS

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Lêdo Ivo, Lucas Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueiredo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Ylan Kert, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

GALERIA

ADALMIR da Cunha Miranda nasceu na Paraíba em 1927. Ainda estudante de ginásio transferiu-se para a Bahia, onde terminou o curso secundário e onde é aluno da Faculdade de Direito da Universidade local.

Iniciou a sua carreira através de um jornalzinho de colégio, que marcou um record, circulando regularmente durante um ano inteiro.

A importância atribuída pelos entendidos às suas primeiras experiências levou-o ao melhor grupo dos novos da Cidade do Salvador e aos melhores Suplementos literários do Nordeste. O "Diário de Notícias" e "A Tarde" (daquela capital), o DIÁRIO DE PERNAMBUCO, o "Correio do Ceará" vêm publicando trabalhos seus e esses trabalhos demonstram que não estamos diante de um aventureiro, mas de uma verdadeira vocação de escritor, de um jovem autor que tem realmente qualquer coisa a comunicar.

O ensaio é o seu meio de expressão e em algumas das suas páginas Adalmir da Cunha Miranda revela um amadurecimento de idéias dificilmente surpreendido em gente do seu tempo.

No primeiro dos jornais acima mencionados, o "Diário de Notícias", mantém uma admirável seção de informações literárias. Adalmir da Cunha Miranda é ainda redator de "Caderno da Bahia" e o único membro do Brasil e o segundo da América Latina da "The Abraham Lincoln Association", de Illinois, U.S.A., entidade que reúne os estudiosos da personalidade de Lincoln e do período histórico de sua atuação. (Da seção Literatura da Semana, do suplemento do Diário de Pernambuco — 3-7-49).

O Almoço em Família

Conto de O. G. RÉGO DE CARVALHO

DO meu quarto, no segundo andar da pensão Glória, defronto a casa do novo vizinho, solícito protocolista dos "Correios e Telegrafos" e meu conhecido de alguns meses. Muito ojeito à família, Tertuliano amava-a como ninguém, dela só se separando para ir à repartição, quase sempre de casaca preta e colarinho duro. Era assíduo no trabalho, porém ultimamente devia para sair mais cedo, assustado com o coração.

No sábado que antecedeu o domingo de Pentecostes, estava de volta do serviço antes de findo o expediente, os ponteiros do relógio não marcavam direito as onze da manhã. Ao atravessar o jardim em frente a casa, ainda lembrava as palavras que o diretor proferira, quando o dispensara pelo resto do dia:

— Sei que você é um servidor honesto, insinuara entre severo e compreensivo, no entanto desde alguns anos venho notando que está exausto. Por que não se aposenta?

Tertuliano compreendia que talvez terminasse a vida debruçado no balcão do protocolo, vítima de um colapso cardíaco. Mas não queria que a esposa soubesse que estava nas últimas e não viveria um mês sequer. Como de costume, dessa vez precisava inventar uma desculpa qualquer, para não deixá-la preocupada.

Escutando a filha tocar bandolim na saleta da frente, parou à porta, num instante. Aurora, como parecia feliz executando uma canção de amor! Tinha razão para isso, contudo. Ele apenas lamentava não poder compartilhar daquela felicidade, pois se sentia

velho e doente. O coração batendo em pulsações rápidas e curtas, deixou o pensamento de mão e caminhou até a cozinha, onde encontrou a mulher inclinada sobre o fogão, fritando uma batatas. Felizmente hoje teriam umas batatinhas fritas no assado.

— Que cheiro agradável, falou. Sou até capaz de pensar que a mulherzinha acabou com a zangagem.

Dona Edul se virou ansiosa, e como o visse pálido, deixou a colher de gordura cair e respingar o chão. O rosto, afogueado pela proximidade do calor, se contraiu, formando rugas por toda a testa e nos cantos da boca:

— Você, balbuciou, você não sente nada, Tertuliano?

— Não, absolutamente, respondeu o marido. Hoje nos despachamos mais cedo, mas em comemoração ao aniversário do chefe. Imagine que nenhum de nós se lembrou de oferecer-lhe um presente.

— Ainda bem que foi isso. Recetava...

— Não sinto nada de anormal, interrompeu, desvendando o prato de batatas coberto por um guardanapo. Estou somente esgotado, prosseguiu levando a mão ao peito e notando que o coração crescia, em tempo de estourar, — esgotado e muito cansado.

A esposa, vendo-o agoniado, os olhos brilhando e os lábios se contraindo numa vertigem, procurou uma cadeira onde sentá-lo, e ao volver-se deparou com ele estendido ao chão, a face ensanguentada pela queda. Ajoelhou-se perto do marido, sentando nas próprias pernas, a seu lado. A mão encardida pôs no coração e não o sentiu palpar. — Meu Deus, pensou, será que

desta vez... Não concluiu o pensamento e já auscultava a respiração. Os olhos de Tertuliano começavam a vidrar, azuis e mansos, e então ela compreendeu tudo:

— Morreu, disse desanimada, morreu como eu previra.

Respirou fundo, ajeitando a cabeça do morto no farto regaço. Desde longos anos pressentia que esse fim seria inevitável, contudo nada quizera confessar ao marido. E naquela manhã, ao servir-lhe o café, chegaram a ter uma pequena alteração, por causa da filha. Aurora tinha quase trinta anos, toda branca e empoada, e nunca se conformando em ficar solteira. Desejava casar, — antes que envelhecesse, explicava, — e uma vez até o anunciara numa revista:

— Veja, Tertuliano, falara mostrando o anúncio, o ridículo papel de nossa filha: — "Moça, ainda jovem, simpática, adorando música, espera encontrar um rapaz de futuro com quem possa casar-se". É a primeira vez que isso se dá na família. Se não estivesse com a idade que tem, era capaz de levar ainda uma surra.

— Que tem isso de mais, Edul? Se fosse Aurora a primeira a publicar desses anúncios, vá que merecesse uma repreensão. Há tanta gente fazendo o mesmo, que ninguém sequer repara.

— Você pouco se interessa pela filha, Tertuliano. Não sei por que me cassei; apenas para ter desses aborrecimentos.

— Está bem, não precisa chorar, replicou com um tom de mágoa na voz; eu falarei a Aurora. E se ao almoço estiver menos zangada, faça-me umas batatinhas fritas e assado.

Dona Edul se lembrava nitidamente de que ele apanhara o chapéu e saíra,



AGUA-FORTE DE PRASSINOS, PARA ROMEU E JULIETA (BILLET-CAPUTO)

sem ao menos dizer-lhe adeus: apenas sorriu, meio contrafeito. Não sabia explicar como, mas algo a advertia que uma desgraça estaria para acontecer. Por isso sua morte não constituiria surpresa. De qualquer modo, porém, era-lhe doloroso pensar assim estando a seu lado, com a mão quase fria do morido morto encostada no rosto. Compreendia que não resistiria mais tempo e então as lágrimas rolavam copiosas. O melhor seria chamar logo a filha, que acabava de tocar bândolim, inteiramente alheia ao que se passava.

— Aurora, gritou, constituiu-a com uma expressão

Poema para o Bebado do Cabaré

EVANDRO SARNEY COSTA

O REPERTÓRIO DA NOITE
ERA O LIQUIDO ESCORRENDO
NA TRANSPARENCIA DO CORPO.

A ÂNSIA DA FUGA
CDIAVA A NECESSIDADE
DAS REAÇÕES MOMENTÂNEAS

O HOMEM ASSIM
SORVEU ANSIOSO
O BALSAMO
DESFEZ-SE A NOITE
NA EVAPORAÇÃO DA MANGOA

O SUCEDÂNEO DOS GOLES
TROUXE A MADRUGADA
LIMPIDA E CLARA
APAGOU O MEDO
E A LEMBRANÇA CAUSA
DOS CABARÊS
DORMIU DEPOIS
SONHOU O MUNDO
QUE LHE NÃO DERAM
SORRIU O RISO
QUE FOI NEGADO
BEIJOU OS BRACOS
QUE DECEPARAM
SENTIU A VIDA
JÁ TÃO DISTANTE
SUOU LIBERTO
DA ÚLTIMA ANGUSTIA
O TEMPO OUTRO
NO SONO ACHOU
O LENITIVO
NÃO SABENDO PORÉM
QUE COM A MANHÃ VIRIAM
IDÊNTICAS MÁGOAS
QUE TERIAM FICADO
NA GARRAFA VAZIA.

trangida. Venha cá, imediatamente.

A moça, ouvindo a mãe proferir-lhe o nome, colocou o instrumento na mesa, enfiando a palheta entre as cordas. Levantou-se displicentemente, sentindo-se feliz, muito feliz, e se dirigiu à cozinha, onde encontrou o pai estendido:

— Teve outra síncope? Inqueriu, ansiosa.

— Sim, mas acho que desta vez está morto, disse dona Edul, tentando erguer o corpo magro de Tertuliano. Ajude-me a levá-lo para a cama, que sozinha não aguento o peso.

Aurora abaixou-se, segurando nas pernas do pai. Como a mãe estivesse ainda parada, hesitando em levá-lo pelos ombros, não estúpida na face. Dona Edul chorava, enxugando os olhos no avental:

— Mãe, falou, não sinto vontade alguma de chorar. Acaso estarei pecando?

— Não, minha filha, respondeu a velha, concentrando-se. Também custei muito a compreender o significado deste momento.

— Calou-se, mordendo os lábios. — Vamos, disse depois, pegue com jeito para não deixá-lo cair.

As duas mulheres carregaram o cadáver para o quarto, deitando-o cuidadosamente na cama do casal. As mãos foram cruzadas sobre o peito e um lenço branco, listrado de azul, fechava a boca. Mas os olhos, vítreos e esbugalhados, restavam abertos. Aurora mostrou-os à mãe e esta cerrou-os, mandando-a em seguida buscar a velha benta no oratório. Juntou os pés do morto e cuidava de cobri-lo com uma cambraia, ainda de casamento, quando a filha chegou com a vela, colocando-a na mesa de cabeceira. A estearina aos poucos se derretia ao pálido calor da chama, enchendo o ar com o cheiro do pequeno castiçal.

— Fique aqui, que irei telefonar para seu tio Batista. — A voz da mãe, mais compassada, refletia a calma de que se achava possuída. — Espero que esteja em casa.

Aurora sentiu os passos se afastarem e fechou os olhos, temendo fitar o cadáver, cujas formas maisacentuadas podia enxergar através do lençol que o cobria. Para ela o pai ainda vivia, com a mesma bondade com que lhe falara na manhã, ao sair para a repartição:

— Minha filha, acabou de estar com sua mãe. Todos nós achamos que você errasse, mandando pôr aquele anúncio na revista. Será que não possa simular as aparências?

Nada respondera, e ele sorria mansamente, dizendo ao fim que iria convidar o Quincas para almoçar em família, no domingo. Nunca na vida tivera uma oportunidade como essa, de ter o amado perto de si, uma tarde inteira. O coração trans-

bordante de alegria, sentiu-se feliz, imensamente feliz, e passara todas aquelas horas num enlevo, até que a mãe gritara, despertando-a de súbito.

Com a morte do pai, tão inesperada, começara o com-re-ender que alguma coisa não estava direito, e agora, agora sabia que tudo acabara. — Meu Deus, pensou, por que aconteceu isto logo hoje? Paulatinamente foi arruando a visita, e seus olhos estampavam uma grande mágoa.

— Ele se mostrou tão bom para mim, murmurou baixinho, arrependida, e eu não devo pensar desta maneira a seu lado.

O corpo estremecendo numa ternura, debruçou-se sobre a cama, gemendo surdamente e alisando os cabelos do morto, brancamente, como num sonho.

Primeiro Soneto da Morte

GABRIELA MISTRAL

Do nicho lôbreco onde os homens te puseram
Te levarei à terra humilde e ensolarada.
Nela hei de adormecer — os homens não souberam
E havemos de dormir sobre a mesma almofada.

Te deitarei na terra humilde, te envolvendo
No amor da mãe para o seu filho adormecido.
E a terra há de fazer-se um berço recebendo
Teu corpo de menino exausto e dolorido.

Poderei descansar, sabendo que descansas
No pé que levantei azulado e lunar
Em que presos serão os seus leves destroços.

Partirei a cantar minhas belas vinganças.
Pois nenhuma mulher me ha de vir disputar
A este fundo recesso o teu punhado de ossos.

Tradução de MANUEL BANDEIRA



Portugal e a Democracia

A GRADEÇO á Sociedade de Amigos da Democracia Portuguesa e ao seu ilustre presidente, o professor Hermes Lima, o ensejo de falar, nesta festa democrática, a escritores e políticos brasileiros e portugueses.

Ninguém pode ser indiferente ao sentido de confraternização que sempre tomam estas homenagens entre filhos das duas patrias, ao que elas têm de tradicional. Uma como tradição de família, feita mais de lirismo do que de interesses materiais, como de costume entre povos: missas improvisadas nas selvas nos primeiros dias da descoberta, por entre uma submissão pacífica do gentio; quadros patéticos de índias brasileiras atirando-se ao mar por fidalgos portugueses; padres poetas escrevendo versos místicos nas areias das nossas praias; um príncipe luso, de esplendida loucura, tomado de uma espécie de rebeldia lírica, gritando por independência, para encantar, ao mesmo tempo, patriotas e amantes.

São quadros assim que ficaram mais vivos da história comum aos dois povos, e não de voracidade e tirania de dominadores sobre dominados.

Parece que a sedução do nosso ouro, das nossas terras, das nossas riquezas, cedeu em grande parte, á sedução das nossas Moedas sobre o peninsular lírico. E a miscelagem, logo de início, natural, livre, intensiva, vamos dizer, uma pamiscegenação, criando relações afetivas de família de sangue, iria, se não desviar, pelo menos dar um outro sentido ao interesse do colonizador pelas riquezas da terra descoberta. Iria transformá-lo num como interesse de economia doméstica, antes que de fins políticos ou de capital colonizador, como se diria modernamente.

Foi sem dúvida, essa plasticidade sexual do português, e mais do que do português, do homem da Península Ibérica, que o libertou de exclusivismos nacionalistas ou de raça, tão ao gosto do europeu, antes

Especialmente convidado para proferir o discurso oficial na Sociedade de Amigos da Democracia Portuguesa, em sessão solene ali realizada, com a presença de intelectuais e políticos brasileiros e portugueses, o deputado Osmar de Aquino, disse o seguinte.

me mo que uma ciência de aristocratas fizesse desses exclusivismos base de uma "superioridade biológica, transformada depois em uma técnica política, que faria da Alemanha um vasto campo de megalomaniacos agressivos. E permitiu ao Peninsular misturar-se de todas as maneiras com os povos conquistados, antes integrando-se nos seus modos de vida do que lhes impondo outros costumes. Uma plasticidade sexual que resultaria, como não podia deixar de resultar, em plasticidade social. O orgulho e a ação de conquistadores abrandando-se em sentimentos e interesses de amantes, de pais, de filhos, em relações de família.

O elemento sexual que, no caso da colonização do Brasil, o nosso mais agudo investigador e crítico em assuntos de sociologia particularizou na atração pela mulher exótica, pela "moura encantada" das lendas lusas, "a mulata ou a mulher moura como tipo supremo da beleza humana", foi, assim, um grande processo de integração do português nos grupos humanos por ele descobertos ou sobre os quais exerceu seu domínio. O que lhe deu aquela capacidade de adaptação social, influyendo poderosamente em sua ação colonizadora, realizada, por isto mesmo, sem os choques tão naturais entre culturas e civilizações diferentes, e não só diferentes, antagonicas. O elemento que, ainda, o torna um cosmopolita da melhor estirpe.

Isto, com efeito, não é comum ao europeu, sobretudo ao europeu ocidental. Este nunca chega a integrar-se em povos estrangeiros. Mantém-se sempre, fora de sua patria, em compartimentos estanques, intransigentes nas suas concepções de vida.

A repercussão política dessa atitude, por assim dizer, ortodoxa, que, via de regra toma o europeu, foi torna-lo mais aspero como colonizador, como dominador, insuportável mesmo nos seus melindros de aristocrata, de civilizado, de superior. Um aristocrata guardando distancia de criados, eis o que foi, em regra, o colonizador ou o dominador europeu.

Foi um português, o mais fino de todos os portugueses direi mesmo, de todos os homens, quem mais agudamente criticou essa falta de fluidez, de adaptação, que faz com que o europeu tome essa atitude de aristocrata onde quer que exerça seu imperialismo, para usar um termo muito em moda... Refiro-me a Eça de Queiroz, rindo das viagens de ingleses e de como se comportam, mal transpõem a Mancha: conduzem seus criados, Smiths hirtos, encadernados em "smookings", seus galgos, suas conservas, e, apenas chegam ao outro lado do canal, começam a sentir mal cheiro em tudo...

O português, não. Nem sua própria formação histórica lhe permitiria esse isolacionismo, vamos dizer, cultural, tão tipicamente europeu. A esse respeito foi, e continúa a ser, com os hespanhoes e os russos, uma exceção na Europa. Tanto assim que, como nota Gilberto Freyre, alguns pensadores modernos falam na necessidade de europeizar Espanha e Portugal, o que tanto repugnou ao francês Maurice Lagendre, precisamente porque a Iberia, como a Russia, "est á la rencontre de deux continents". Zona de transição entre continentes, Espanha e Portugal, por isso mesmo, "embora convencionalmente estados europeus, não são ortodoxos em todas suas qualidades, experiências e condições de vida euro-

peia e cristã. Em muitos aspectos são uma mescla de Europa e Africa, de cristianismo e maometismo".

De resto, esse poder de interpenetração cultural aliado ao de cruzamento racial, a que já nos referimos, e que excepcionais condições geográficas e históricas permitiram, haveria de ser, dentre as características do povo português, aquela que teve maior ressonância nos seus modos, e concepções de vida política. Fê-lo extraordinariamente dotado de censo crítico, compreendendo suas deficiências, que é a melhor forma de superá-las. Deu-lhe a capacidade daí resultante de admirar o que de notável havia fora de Portugal. E não somente sentir e admirar, mas procurar sempre completar-se, incorporando novos valores á sua civilização. A própria civilização europeia muito se enriqueceu com essa espécie de transnacionalismo do português. Mas, com isso, repetimos, ganharia sobretudo seu conceito sempre democrático de política.

Com efeito, o amor do português á terra, nunca o levou áquela maneira egoística de patriotismo, que tanto mal fez e, ainda, vem fazendo ao mundo, agora mesmo nos seus conselhos deliberativos. Patriotismo que teve seu processo político ou sua sistematização no facismo, ou que nome venha a tomar o facismo.

Esse aspecto, não sei se chamarei temperamental, do Português, de tanta significação política, refletiu-se em sua melhor literatura, sem dúvida, a do século passado, com os Eça, os Ramalho Ortigão, os Antero de Quental, os Guerra Junqueiro, para citar poucos. Toda uma elite — e que elite! — de intelectuais, ao mesmo tempo que homens de ação, profundamente interessados com os problemas de sua patria, mas colocando-se diante deles também como homens do mundo, e não como patriotas por assim dizer, robinsonianos. Preocupados, por exemplo, com a questão do

Socialismo, que não tinha, áquella época, maior significação para o seu povo, mas que já recodaria noutras civilizações mais adeantadas. E interessantes, não só como intelectuais ou homens de ciência, pela feição teórica do marxismo, mas também com, políticos, pelo seu sentido pratico ou tecnico. E amando a França, chamando-se a si mesmos de filhos espirituais da França, pelo que dela recebiam em ciência e literatura. Escrevendo á francesa. Discutindo no Café Martinho. Política francesa. Admirando supersticiosamente os mestres franceses. Chamando a Hugo de Pai Hugo. Sem que, todavia, essa admiração pelos valores estranhos lhes diminuisse o espirito patriótico, que fazia até a um cosmopolita impenitente, como Eça, ter nostalgias de exilado, mesmo em Paris...

E a chauvinistas horrorizados com esse impatriotismo, Eça, de riso admiravel e tremendo, zombava da ridícula patriotice dos patriotas, cuja maneira de amar a patria é "tomar a lira e dar-lhe languidas serenadas", por entre exclamações lascivas, como se estivesse a galantear uma andaluza barata. E aos simples namoradores da patria, definia o "nobre patriotismo dos Patriotas", que bem poderia aproveitar aos nossos candidos meufanistas. O patriotismo dos que, em vez de uma atitude mistica deante de simbolos e museus, voltam todo o seu esforço para a nação viva, a que em torno de nós trabalha, produz, pensa e sofre. E em vez de iludi-la com a repetição monotona do passado, grita-lhe rudemente aos ouvidos: "tú és pobre, trabalha; tú és ignorante, estuda!" Não sei si direi bem chamando de democratico esse espirito de nacionalismo e patriotismo do português, ou antes, do peninsular, que tentei salientar em largos traços. Mas, o que ele revela, na verdade, é uma tendência democratica, que se poderia dizer, inata. Tendência ou espirito que fez dos republicanos espanhóis heróis e martires da democracia na sua luta contra Franco, e que vos tem levado, a vós portugueses, a uma notavel attitude de insubmissão e inconformismo com a ditadura de Salazar.

Bem é de ver que quem entende assim a sensibilidade democratica do nosso povo, pode avaliar o animo que vos anima no combate a essa ditadura, que é uma exressencia dentro das vossas tradições históricas, que tanto repugna ao caracter do vosso povo.

Os democraticas brasileiros, aqueles que o são sinceramente, e não por contingencias occasionais, esses, acompanham o vosso esforço com um interesse de quem tivesse na causa seu

próprio destino, e sabem que esse esforço vos tem custado não poucos sacrificios, inclusive áqueles portugueses que, fóra de sua patria, se vêm sob a pressão de uma diplomacia fascista.

Em verdade está também em causa nosso proprio destino, precisamente porque se decidem os destinos da democracia. Para nós, não ha distinguir, em certo sentido, interesses patrióticos e interesses democraticos. Uma attitude di-

ferente nos faria incidir naquella grave accusação que Harold Laski fez a Mr. Churchill, negando ao premier da guerra qualidade de veravelentico democrata. E por que? Porque só se tornou tenaz adversário do facismo, quando o facismo se voltou contra a Grã Bretanha. Quando, porém, se dirigia contra a Espanha ou a Albania, Mr. Churchill se mantinha imperturbavel. De onde, concluir o pensador e politico trabalhista inglês, ser Churchill mais um ardoroso patriota do que um democrata, pelo menos no sentido actual do termo. Mesmo que se não aceite, a rigor, o conceito de Laski sobre o extraordinário lider britânico, ele resalta o caracter transnacional que tem de tomar a democracia para defender-se da reacção, que, passada a confusão dos primeiros instantes da derrota militar, articula-se sob processos e formas diferentes.

A doutrina da não intervenção, visando salvar interesses reaccionários, quando o povo espanhol se libertava de um jugo de séculos, recorde-se, já agora, sob o perigoso pretexto de que as ditaduras de direita de Portugal e Espanha constituem um ponto de equilibrio em face do crescente desenvolvimento socialista. Mas, a verdade é que, quanto ao socialismo democratico, só os fascistas lhe oporiam resistencia, porque elle não é só uma solução, mas uma fatalidade. Quanto ao comunismo, só o podemos combater através de uma superação democratica.

A democracia tem de ser, pois, defendida onde quer e como quer que se ache em perigo por todos aqueles que são democraticas de verdade.

Essa a razão porque os amigos da democracia portugueza se encontram aqui para protestar convosco contra a ditadura de Salazar, neste dia em que c'1 completa vinte anos de existencia, que significam vinte anos de escravidão do povo lusitano.

Em nome dos democraticas brasileiros, saúdo esse povo admiravel nas figuras representativas de sua cultura — escritores e politicos exilados — que conosco se reúnem nesta festa de confraternização democratica.

OUTONO DE PROVINCIA

CLOVIS ASSUMPCÃO

ABRIL DE VIOLENTOS,
INSINUADO E HÚMIDO

A PAISAGEM ESVAIDA
NAS FACHADAS DAS CASAS,
INTERIORES.
TAPETES DAS SALAS,
CONTORNOS LÂNGUIDOS
E NAS DOCES ARCADAS DAS SOBRANCELHAS

TÍPICO SAL DE DÚVIDA
E DE MEDO.

RUAS LONGAS,
DE REFUGIADAS SUBSTÂNCIAS.

A PÁGINA CIRCUNSCREVE UMA ANSIEDADE
NAS GARRAFAS DE VINHO.

IRREVOGAVEL TOM
MERGULHANDO OS OLHOS
EM PERIGOSO GRIZ DEFORMANTE.

E A GARGANTA APERTADA SOB AS VESTES
PALPITA EM ESTRANHOS MOVIMENTOS,
REVIVENDO OBLIQUAS PROMESSAS.

O CATAVENTO

CLÉLIA SILVEIRA

NA solidão da chácara abandonada,
O catavento prossegue a sua luta;
É uma angústia alada.
A sair de uma gruta.

Durante séculos, não conheceu repouso;
Os escravos negros foram libertados
Mas elle, em seu ritmo preguiçoso,
Traz a lamentação de homens cansados.

Há em sua voz, sinistros gemidos
De homem moribundo, torturado;
Quebra o silêncio da noite, traz aos ouvidos
Evocações de um remoto passado.

E volteia sua ânsia mutilada.
À raiz do seu sonho não desiste
De sentir-se um dia libertada
Da eterna solidão da chácara triste.

"Na Espadana Branca"

VARIAS

D — Manda-nos o escritor Verissimo de Melo uma "plaquette" de sua autoria: **SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO**.

Verissimo de Melo faz parte dessa geração irrequieta e que vem fazendo muito barulho nas letras nacionais, atacada por uns, elogiada por outros, mas, realizando notáveis empreendimentos culturais.

SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO integra-se na série **PEQUENAS EDIÇÕES** da revista **BANDO**, publicação dos novos do Rio Grande do Norte.

Nessa bem feita "plaquette", Verissimo de Melo põe mais um tijolo na construção do nosso monumento folclórico. Segue o m. bastaste entusiasmo o mesmo caminho de Câmara Cascudo, estudando, pesquisando, enriquecendo o nosso patrimônio cultural.

O autor de **ADVINHAS** reúne nessa "plaquette" numerosas adivinhações, que cheiram a milho assado e a cangica.

Faltu, porém, a inclusão daquela forma-se um círculo de moças. No centro coloca-se um galo ou uma galinha famintos. Cada moça tem aos pés um grão de milho. O objetivo já se sabe: a moça que tiver a felicidade de ver o seu grão de milho engolido pela ave, em primeiro lugar, não ficará no canto.

III — A revista **CRONOS** organizará, em Setembro próximo, no Rio de Janeiro, a **MOSTRA DE ARTE DA NOVA GERAÇÃO**. É mais uma iniciativa que divulgará trabalhos dos novos artistas plásticos nacionais. O Sr. Leo Rodrigues de Almeida, em circular endereçada ao **CORREIO**, pede uma lista dos valores paraibanos. Essa indicação não será difícil. Este suplemento vem apresentando dominicalmente trabalhos cuja repercussão tem sido a melhor possível.

As revistas literárias dos novos escritores — convém ressaltar — não se limitam apenas às suas edições. Fazem mais: promovem concursos, congressos, conferências, refletindo muito bem o entusiasmo da nova geração em prol das artes e das letras. A iniciativa de **CRONOS** merece aplausos.

CARLOS ROMERO

PREMIOS LITERARIOS

A ACADEMIA Brasileira de Letras fez a entrega solene dos prêmios literários relativos ao ano de 1948, os quais foram concedidos aos seguintes escritores: Augusto Meyer, **MACHADO DE ASSIS**, Beatriz dos Reis Carvalho, **OLAVO BILAC**, Lucia Benedetti e Ligia Fagundes Teles, **AFONSO ARINOS**, Paulo Rónai, **SILVIO ROMERO**, Ligia Lemos Torres, **JOAQUIM NABUCCO**, Maria Wanderley Menezes, **ARTUR AZEVEDO**, Luiz da Câmara Cascudo, **JOÃO BEIRO**, Afonso Arinos de Melo Franco e Artur C. F. Reis, **F. Schmidt**, Carlos Drummond, **JOSE VERISSIMO**, Vieira Cornélio Penna e Ciro dos Anjos, da Cunha e Paulo Ben-

vides, **CARLOS LAET**, e José de Oliveira Ramos, **VISCONDE TAUNAY**.

Durante a solenidade usaram da palavra **Gustavo Barroso**, em nome da Academia e Augusto Meyer, em nome dos laureados.

"JORNAL DE LETRAS"

V EM despertando a mais vivo interesse nos círculos culturais do país o aparecimento de **JORNAL DE LETRAS**, dirigido pelos irmãos Condé.

Nesse seu primeiro número, **JORNAL DE LETRAS** apresenta trabalhos de Alvaro Lins, Jean Cocteau, Augusto F. Schmidt, Carlos Drummond, Cornélio Penna e Ciro dos Anjos.

REVELAÇÃO DO DESTINO

R ECEBEMOS de Manuel Moreira de Menezes, conhecido teatrólogo conterrâneo, um volume onde estão incluídas duas peças de sua autoria: **REVELAÇÃO DO DESTINO** e o **HOMEM HONESTO**.

A capa foi confada ao pintor paraibano José Tinet.

A REVISTA "CULTURA"

E STÁ às vésperas de sair à publicidade o segundo número da vitoriosa revista **"CULTURA"**, dirigida pelo escritor Simeão Leal, e editada pelo Ministério da Educação. Além de **Cultura**, Simeão Leal anuncia a edição de vários cadernos de artistas brasileiros, com estudos críticos.

HISTORIA DA 2.ª GUERRA MUNDIAL

A GLOBO lançou o último volume da **HISTORIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. Esse volume está enriquecido com três artigos sobre a participação do Brasil: o marechal Mascarenhas de Moraes faz a história da FEB, o capitão de mar e guerra Gerson de Macedo Soares, chefe do Estado Maior da Frota em operações conta as atividades da Marinha e o cel. Nero Moura, comandante do 1º Grupo de Caça, relata a participação da FAB.

"ORDEM E PROGRESSO"

G ILBERTO FREYRE conclui no momento o seu estudo do livro **ORDEM E PROGRESSO**, entregou ao seu editor mais trezentas páginas para serem incluídas na 2.ª edição de **SOBRADOS E MOCAMBOS** e revê as últimas notas de uma nova edição de **CASA GRANDE E SENZALA**.

Como se vê, é grande a atividade do nosso sociólogo, atividade que, mais do que ao no-

me dele já para sempre firmado, é útil à cultura brasileira no que ela tem de mais alto e duradouro.

ADEMIR E HAROLDO BRUNO

E M sua seção semanal no suplemento literário do **CORREIO DA MANHÃ**, o escritor José Condé escreveu esta nota curiosa: "O jovem crítico Haroldo Bruno é parecidíssimo com o famoso jogador de futebol Ademir. Ambos são pernambucanos e residiram no mesmo bairro no Recife. Essa semelhança tem criado algumas situações curiosas para Haroldo Bruno. Há pouco tempo, indo a um cinema que por sinal estava cheio — o escritor descobriu uma cadeira vazia e tentou apossar-se da mesma:

— Está ocupada — disse-lhe o sujeito ao lado.

Haroldo já se retirava quando o mesmo sujeito, examinando-o melhor acrescentou:

— Espere aí. Você não é o Ademir? Pode sentar.

LIVRO DE BRENO ACCIOLY

A PARECERA em agosto próximo o segundo livro de contos de Breno Accioly, **COGUMELOS**. Aliás, a segunda edição de **JOÃO URSO**, lançada pela Casa do Estudante do Brasil — está prometida para breve.

"FLORES POLONESAS"

D O famoso poeta polonês Julian Tuwim — longo poema em três partes e epílogo, composto em grande parte durante a guerra no Rio de Janeiro, acaba de ter a sua primeira edição global, realizada pela cooperativa editora "Czytelnik".





Lenda Baiana do "Aboio"

S. GONÇALO DE AMARANTE

REMONTA às brisas das eras de 1550, quando Tomé de Souza, primeiro governador geral, fez importar da ilha da Madeira o gado com que iniciou, nas margens do São Francisco o rebanho de nossa fauna curraleira.

E' este santo o patrono, desde então, dos vaqueiros do Nordeste.

Quando tresmalha uma rês ou a seca assoja a região, há quem impregue:

"Acuda meu São Gonçalo, que eu vos darei uma roda".

Paramentam-se os piões com suas roupas encouradas, chapéu batido e peitoral ajustado, continuando seus trabalhos campeiros, certos de serem atendidos por seu milagroso protetor.

Desaba súbito o aguaceiro, a terra retomada a vida ou o gado é encontrado, voltando à sua manada.

E' o tempo do "verde" e de pagar promessa.

Naqueles recantos há uma só imagem do Santo, que é guardada sob mil cuidados.

Forma-se a procissão a cavalo e a efígie é trazida de seu tugúrio, e conduzida no cabeçote de uma sela; vaqueiros, abitantes e fazendeiros têm sempre algo a pagar.

Agrupa-se o bando e em desenfreada algazarra e de volta da carreira, vai o santo para a fazenda em que será festejado, ficando exposto em improvisado altar coberto de palha.

Estruge a música sertaneja e a roda está formada; são dançarinos que cantam e pulam sem cessar, ostentando enfeites de papel colorido, flores silvestres e fazendas de cores brilhantes.

Tudo isso sob a direção de um guia que puxa cantigas e ladainhas.

De quando em vez a algazarra abrande para que alguém possa pagar promessa e para recomençar o guia então:

"São Gonçalo de Amarante
não é como os outros santos:
os outros querem lhes réze,
São Gonçalo que lhe cante".

Os violeiros repontam as violas e o coro dolentemente descanta o seu aboio.

MINHA VOZ SE CALARÁ
E OS HOMENS REVERENTES
SE DESCOBRIRÃO RESPEITOSOS
À PASSAGEM DO MEU CORPO ADORMECIDO.

MINHA VOZ SE CALARÁ
E NO SILENCIO DO MEU SILENCIO
OUTRAS VOZES SE FARÃO OUVIR
IRRIGANDO, COM LÁGRIMAS
O CHÃO DA NOVA MORADA.

MINHA VOZ SE CALARÁ
NESTE AMANHÃ QUE HÁ DE VIR,
E MÃOS SEMELHANTES ÀS MINHAS MÃOS,
NUM PREITO DE SAUDADE,
PLANTARÃO CRAVOS BRANCOS
À PORTA DO MEU JAZIGO.

QUANDO A LUA ESPARGIR SUA LUZ SOBRE A
CAMINHAREI SEM VER A MINHA SOMBRA
PORQUE SEREI A PRÓPRIA SOMBRA QUE CAMINHA.



NO CLICHÉ, ALGUNS DOS INTEGRANTES DA REVISTA BRANCA. DA ESQUERDA PARA A DIREITA, VÊEM-SE HAROLDO BRUNO, RENATO JOBIM, SALDANHA COELHO, MANFRED PORYLES E BRÁULIO DO NASCIMENTO. (O FLAGRANTE FOI DESENHADO POR ROCHA FILHO)

A CONTEMPLAÇÃO

a Santa ROSA

LÉDO YVO

SE A MOÇA RI, OFEREÇO-LHE
MEU PRESENTE EM SEU PASSADO,
VAOS PRODIGIOS ONDE CRESCO
(ENTRE IMAGENS) TRANSTORNADO.

E SE ELA DORME, NÃO DIGO
QUE A VELO OU EMBALO, PRESENTE,
VOU-ME EMBORA, VOU CONTIGO
EM BUSCA DO ANTIGAMENTE.

E SE ELA SONHA, A ALQUIMIA
DO IMAGINÁRIO ATENUA
SUA PUREZA. DE DIA
VESTIDA, E À NOITE NUA.

E SE ELA DANÇA, O EDIFÍCIO
DA ARTE POÉTICA ESTREMECE.
É SOMENTE NO ARTIFÍCIO
QUE A ETERNIDADE NOS TECE.

E SE ELA CANTA, DEVOLVO
A TERRA A MINHA LINGUAGEM.
NO SER QUE A INFORMA, DISSOLVO-ME.
E ELA DORME, SENDO IMAGEM.



LIVIO ABRAMO. UMA DAS MAIS VIGOROSAS EXPRESSIONES DA NOSSA ARTE JOVEM, É O AUTOR DA XILOGRAVURA QUE ACIMA REPRODUZIMOS

PEGUY

CARLOS DE ATAIDE

A MODERNA literatura francesa apresenta, entre os valores de sua variada galeria, uma figura muito comentada e muito discutida atualmente. Críticos improvisados, levados por juízos subjetivos e aporísticos, têm diminuído a importância de Charles Péguy, desfigurado o sentido de sua obra, desprezado as lições de sua vida.

Daniel Rops, no entanto, nos presenteou com um retrato simpático de seu mestre, num volume que, há dois anos, a editora Agir nos ofereceu em tradução de Afranio Coutinho. O testemunho de Rops se reveste de especial significação, por ter ouvido e compreendido vivamente a mensagem de Péguy. Compreendeu as suas li-

ções, com, também viu de perto os seus erros, presenciou os seus combates, acompanhou-o nas suas frequentes lutas.

Geralmente, dois motivos dão origem a certas críticas injustas: ignorância do objeto em estudo e o descaso em procurar conhecê-lo bem.

Não há dúvida de que Péguy tem sido um grande incompreendido, pois é um caso interessantíssimo, originalíssimo em certos aspectos. Um socialista que se converteu ao Cristianismo, sem contudo, chegar a praticá-lo integralmente, que se manteve ausente dos sacramentos e que, depois de convertido, só veio assistir missa poucos dias antes de partir para a batalha do Marne, onde perdeu a vida. Dir-se-ia que

houve apenas uma conversão da ordem intelectual. Lendo, porém, as páginas de Daniel Rops, como também depoimento de Raissa Maritain, em "As Grandes amizades", concluímos que a alma inquieta de Péguy penetrou bem nos problemas que angustiam o homem moderno. Procurou uma solução para esses problemas. Encontrou-a no Cristianismo. Irradiou-se por entre os seus amigos.

Péguy estava convencido de que a crise do Mundo é uma crise do homem. Este estava distanciado dos verdadeiros valores da vida, dos valores estaveis, como "a esperança, a caridade, o amor da patria, o respeito da familia, da esposa, da mãe, gosto do trabalho". Péguy

viveu as suas ideias, e por isso tornou-se um chefe, um orientador que atraia pelas suas atitudes decisivas. "Chefe, ele o foi e ainda o é hoje. Aquele que, em vida, soube ser um testemunho, no sentido mais forte do termo, testemunho de pobreza, testemunho de intrepidez, testemunho de fidelidade, nos fala sempre com a mesma voz Persuasiva e imperiosa". (Daniel Rops).

A mensagem de Péguy aos homens de nosso tempo é melhor compreendida pelas lições que nos deixou. Ele nos deu, acima de tudo, a lição da necessidade de sempre servir à verdade, deixar-se dominar por ela, quer no campo espiritual, quer no literário, quer no

político, quer em qualquer outro. Péguy nunca serviu à mentira, conscientemente. Os que dele se aproximaram, sentiram a sua paixão pela verdade. Procurou nunca traí-la. Ia até o fim de suas consequências. Dai Pensarem muito que se não tivesse tombado cedo no campo de batalha, teria chegado a uma vida cristã completa.

Outra lição de Péguy é a sua posição diante da pobreza. Durante toda a sua vida, passou por grandes provações econômicas. É verdade que nem sempre soube vencer a tentação do desespero, mas esforçava-se por aumentar em si mesmo a confiança. Suas obras literárias lhe custaram muito suor e muitos sacrifícios. Teve de enfrentar dificuldades de toda espécie. De um lado faltavam os francos para pagar as editoras. Péguy não soube negociar com a literatura. De outro lado, reduzido o número de seus leitores, em virtude da desconfiança dos católicos que não viam com bons olhos as publicações desse cristão sui-generis.

Charles Péguy, apesar de ter morrido em 1914, é um escritor atual. Seus livros agora é que começam a se espalhar pelo mundo. Na Argentina, estão sendo publicadas suas obras completas. Em breve, também teremos Péguy em português, para nos falar a linguagem de um espírito que soube ser fiel a si mesmo, e que viveu em contínua ascensão para a verdade integral.

CENTENÁRIO

No começo do ano a Suécia celebrou, como um acontecimento nacional, o primeiro centenário do nascimento do seu maior escritor moderno João Augusto Strindberg.

CRONOS

Está em circulação o 4º número de CRONOS, apresentando um número maior de páginas e numerosas colaborações dos representantes da nova geração literária.

Treno para Mauro Mota

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

DOI-ME NA LEMBRANÇA
NA QUIETUDE DO CAIS
A LEMBRANÇA DO RECIFE
ONDE TRISTE, A CRIANÇA
QUE EU FUI, CHORAVA
COMO NUNCA E JAMAIS.

DOI-ME NA LEMBRANÇA
O OCEANO AO LARGO
DE ONDE VIM DALÉM
PARA UM OUTRO ALÉM
NO CÉU FUNDIDO AO MAR.

DOI-ME NA LEMBRANÇA
O ANCORADOURO QUE FUGIA,
DA MOÇA A LEMBRANÇA
ESFUMADA, ACENANDO
NOS OLHOS DA CRIANÇA.

SINTO EM MIM RECIFE
DOS MEUS DOZE ANOS
ONDE MINHA INFÂNCIA
MORREU, NO LENÇO AZUL
DA MOÇA QUE FICOU
DOENDO NA LEMBRANÇA.

SANTA ROSA, POETA

RAUL LIMA

Ofereço hoje aos leitores uma raridade, um achado entre os meus escassos guardados de papel velho. É um poema de Santa Rosa Júnior, intitulado "Rubayat", publicado no dia 30 de maio de 1933, num jornal de Macaio. O poeta é o pintor, cenógrafo, ilustrador, professor Santa Rosa.

lá fora, a noite
se desenvolve como um rio.

vem.
as horas escorrem fugitivas
e o amor espera a tua presença
para cumprir-se.

as rosas oscilam.
o vento é tão manso.

vem.
enquanto, lá fora
a noite se desenvolve como um rio,
dá-me em tua boca
o sabor de todas as alegrias do mundo.



GILBERTO FREYRE — Visto por AUGUSTO RODRIGUES

Noticias

O FALECIMENTO DE CAMILLE BLOCH

COM 83 anos, o historiador Camille Bloch faleceu na Cidade Universitária, onde era Conselheiro técnico. Nascido nos Vosges, ensinou na Sorbonne ciências auxiliares da História moderna. De 1918 a 1935, organizou a biblioteca-museu da Guerra, e seu anexo, a Biblioteca de documentação internacional contemporânea. Era autor de numerosos estudos sobre o período revolucionário e o conflito de 1914-1918.

Fundou com Pierre Renouvier a revista "História da Guerra Mundial"; criou o Repertório Metódico da imprensa diária durante a guerra, e uma Bibliografia metódica da História Econômica e Social da França. Estava preparando um estudo sobre a Conferência de Munich.

Era membro da Academia das Ciências Morais e Políticas, e comendador da Legião de Honra.

NA ACADEMIA DE LYON

POR unanimidade, Edouard Herriot foi eleito Presidente da Academia Lionesa. Na última sessão da Academia das Ciências, das Belas Letras e das Artes, o nome de Edouard Herriot foi pronunciado para a presidência, entre aclamações. A sessão decorreu no Palácio de São Pedro e foi presidida por Monseñor Lavalee, reitor do Instituto Católico.



Individualismo e Institucionalismo na Sociologia de Lopes de Andrade

EVERARDO LUNA

O sr. Lopes de Andrade revelou, desde verdes anos, o pendor para o debate de problemas de sua geração, de seu tempo, e não questões obsoletas, antiquadas e extemporâneas. Problemas como o da revolução artística, operada pelo Modernismo, e o da revolução política, causada pelo Socialismo, bem como outros tais quais o da "pureza de raça", o do sentido do "regionalismo" e o dos meios e caminhos a serem seguidos para o elevamento econômico e político do povo brasileiro.

A "Introdução à Sociologia das Sêcas", seu primeiro livro publicado, é a síntese dos trabalhos intelectuais de um homem que procurou colocar a sua cultura ao serviço da pesquisa e estudo da sociedade de uma região — a chamada região das sêcas, no Nordeste brasileiro. Experiências literárias, no campo da ficção, foram feitas pelo autor, mas depois abandonadas, por ra-

O Poço e os Enigmas

MOACIR SOUTO MAIOR

NO FUNDO DO POÇO
OS PEIXES PASSEIAM
SOLTANDO RISADAS
CHEIAS DE SENTIMENTO.

UM ANJO MALIGNO
DE CARA COMPREDA
ASSOVIA TRISTONHO
UMA BELA CANÇÃO.

O SUICIDA VAGABUNDO
BOIA NO POÇO
SUBINDO E DESCENDO
A TONA DAS AGUAS.

NO POÇO OS ENIGMAS
NÃO TÊM SOLUÇÃO
TUDO QUE É PROBLEMA
SO MARTIRISA O CORAÇÃO.

zão de tendências e temperamento. A análise direta dos fatos sociais se lhe afigurou com mais vantagem do que a interpretação, desses mesmos fatos, sob a luz da imaginação.

A matéria de sua obra é dupla — sociedade dos indígenas e estrangeiros que povoaram a região das sêcas, e vida, costumes e problemas do atual habitante da referida região — o caboclo. Ao estudar os indígenas e os estrangeiros, como hispânicos, romanos, árabes, etc., o autor tem o cuidado de, pelo método comparativo, distinguir a cultura dos dois grupos de povos, fazendo ressaltar o sentido, sempre contrário ao elemento estrangeiro, que toma a sociedade indígena, admirável pelo "instinto jurídico" e pela capacidade de adaptação social. Caracteriza-a o "individualismo", enquanto as sociedades estrangeiras se fundamentam no "institucionalismo". Os dois termos — "Individualismo e Institucionalismo" —, segundo a acepção técnica que lhe dá o livro, sugerem um vasto campo de idéias e conceitos, e constituem, a meu ver, a "espinha dorsal" do conjunto da obra. Estudar e interpretar, de uma maneira sucinta, esses dois termos, é revelar o pensamento do autor e surpreendê-lo no âmago das cogitações.

O estudo do ser humano como "indivíduo" e como "pessoa", no campo da sociologia de Lopes de Andrade, apoia-se na clássica distinção que se faz no terreno da filosofia e da moral. Tal distinção do ser humano, fê-la Berdiaeff, em seu livro "Religião e Marxismo", bem como Maritain, em seu "Humanismo Integral". De um lado, o indivíduo ou a síntese de

tudo aquilo que constitui o homem considerado inteiramente fora da sociedade; de outro, é a pessoa ou o complexo das relações que mantêm o homem dentro da sociedade. A pessoa — uma abstração —, segundo Lopes de Andrade. Em tal ponto, diverge da doutrina da espiritualidade da alma humana, sem afirmar, todavia, que essa espiritualidade seja um fantasma.

Outra distinção clássica e profundamente verdadeira, fê-la o autor do ensaio sobre a sociologia das sêcas, na introdução de seu livro, ao observar que dois elementos integram as sociedades humanas — a população e a organização. A separação desses dois elementos, tão simples e tão clara, é uma derivada da concepção que tem os autores alemães do que seja Cultura, concepção esta que é uma luz a iluminar o pensamento moderno. O elemento — organização — chamado, pelo autor, artificial ou jurídico, corresponde, com menor amplitude e maior compreensão, ao termo Cultura, concebendo-se este como sendo tudo aquilo que é criação do homem, em contraposição ao que é feito pela natureza.

Corresponde ao termo — Natureza — o elemento — população —, sendo este menos extensivo e mais compreensivo do que aquele. A acepção técnica, que empresta o autor à palavra "jurídico", é muito mais vasta e ampla do que lhe dão juristas e magistrados. "Jurídico, para ele, é sinônimo de "social", e, se não emprega o termo em todo o corpo de seu livro, é para evitar possíveis confusões, o que, aliás, ele próprio confessa.

Em outro capítulo de sua obra, o autor vê na sociedade aspectos "jurídico",

material e vital. Nesse passo, segue ele as pegadas daqueles pensadores que vêem no mundo das sociedades humanas, duas ordens de fatos indivisíveis: a dos fatos de economia e a dos fatos de direito. Não compreendi bem como o sr. Lopes de Andrade concebe o termo "elemento" para distingui-lo do termo "aspecto". Talvez melhor esclarecido ficasse se, no elemento-organização —, o autor chegasse a observar dois aspectos: o econômico e o jurídico. E o que ele chama de "aspecto vital" viria a confundir-se com o elemento natural das sociedades humanas — a população. Estaria, desta maneira, com a devida vênia eu o proclamo, sintetizada a teoria, alemã da Natureza-e-Cultura com a teoria social da Economia-e-Direito.

Falei, atrás, do "individualismo" e do "institucionalismo", na obra de Lopes de Andrade e afirmel estar aí encerrado, o pensamento central do intelectual conterrâneo. Quero, neste momento, ocupar-me dele e buscar surpreendê-lo para uma perfeita compreensão.

O individualismo indígena deriva-se do instinto de defesa e conservação do homem selvagem; surge naturalmente e em nada prejudica o complexo das relações do grupo ou da tribo, mas, ao contrário, vem fortalecê-lo e mantê-lo em constante equilíbrio. É diferente do individualismo moderno, fator de desequilíbrio social, e o qual melhor acharíamos fosse chamado "personalismo", de vez que emana da própria personalidade social do homem.

O individualismo do selvagem traz a união, a coesão e a força; o personalismo é um avanço exa-

gerado num setor da luta, é uma febre que provoca, às vezes, o delírio. O individualismo indígena é inerente à natureza da vida dos primitivos e palpita nas sociedades sadias e simples; o personalismo moderno é efeito do institucionalismo que caracteriza, segundo Lopes de Andrade, a civilização moderna, essa cujo ocaso próximo já foi profetizado por Oswald Spengler.

Institucionalistas foram todas as sociedades que se agregaram à sociedade indígena para formação desse novo tipo social —

o nordestino, ou das "sêcas", na terminologia de Lopes de Andrade. Institucionalistas porque, no mais das vezes, desprezam a organização informal e nascida do âmago e da natureza das cousas, para repousarem e se apoiar numa instituição qualquer, e que irá servir de base ao corpo e à vida que a criou. Entra, neste passo, o autor na parte de crítica social de sua obra. A crítica é penetrante, pensa com firmeza. A parte construtiva, porém, é sutil: o escritor começa apresentando sugestões interes-

santes para guiar o leitor às conclusões implícitas. Conclusões a que não se chega claramente, mas que se insinuam, com inteligência e, muitas vezes, com razão.

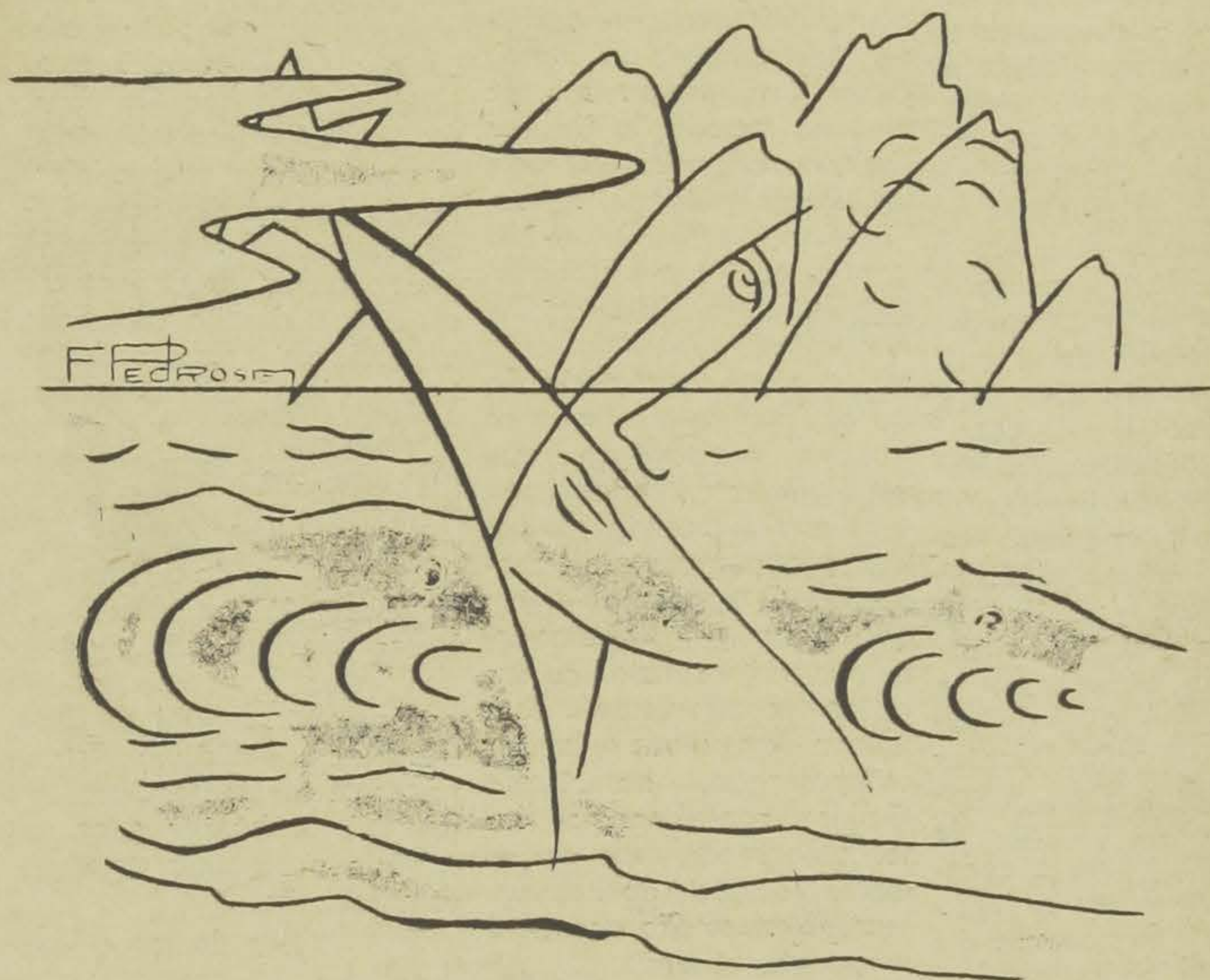
Para o sr. Lopes de Andrade, a sociedade hispânica é uma sociedade iniciada ou criada por outrem, e, nela, existem, pura e simplesmente, relações e não indivíduos relacionados. Sofrendo do mal "institucional", entra no rol a sociedade romana, estudada pelo autor no extraordinário livro de Fustel de Coulanges — La Cité An-

tique — bem como a sociedade dos árabes e visigodos, todas elas, hispânica, romana, árabe, e visigótica a destruírem o "consensus" do homem brasileiro para o impelir o desequilíbrio "institucionalista". E o homem brasileiro — o caboclo — sofre as consequências desastrosas, apesar de sua acentuada compleição associativa, a ponto de ser conduzido até ao crime organizado, como evidenciam os "cangaceiros" tão abundantes no Nordeste do Brasil.

O indígena, ingênuo e realista, desconhece as complexas leis civis e religiosas do homem civilizado, mas não se conduziu a afirmações e atitudes abstrusas e monstruosas como muitos dos que se dizem civilizados. Não sofre dos males personalistas, e não se escravizou aos preconceitos por eles gerados e nutridos, como o preconceito do sangue. Entre eles, entre os indígenas, a sociedade, como um todo harmônico e complexo, pressiona os indivíduos, e, para conduzi-los, cria um órgão que lhes serve de governo.

Uma atmosfera de confiança, no caboclo brasileiro, enche as páginas do livro de Lopes de Andrade. Respira-se em ambiente arejado: o caboclo é talhado, podemos depreender isto, para construir a verdadeira democracia, e para levar, até às grandes nações do mundo, uma mensagem de paz e de trabalho, de fé e de humanidade. Isto vale uma crítica acatadora e construtiva, principalmente num século em que as guerras destroem massas de homens e tesouros de cultura, ameaçando dar cabo da civilização inteira.

"Introdução à Sociologia das Sêcas" é, uma obra de cultura geral e de sociologia especializada, que enriquece o patrimônio das letras da Província. Obra literária e científica em que encontramos muito que aprender e muito para pensar e refletir.



POEMA A TODOS OS HOMENS

EDSON REGIS

COMO seja o mundo
reunam-se os homens,
sintam o massacre diário
e apoiem as grandes co-
lunas
das nossas próprias coisas.

Adormeçam as crianças
enquanto lírios nascem
— como seja o mundo —

com as madrugadas
e seu fresco orvalho.

Sonhem as mulheres
terras cultivadas,
amor, flores e vinho,
mas reunam-se os homens
e apoiem as colunas.

Como seja o mundo

e as águas nos cerquem
não só em palavras
se trave a luta
por novas auroras.

Heróis famintos
entre crianças doentes
gemendo noite alta.
— Como seja o mundo
amor escrevamos

MIRAGEM

Canto de LINDUARTE NORONHA

— ... e assim chegámos ao porto que tanto almejávamos...

Concluiu o velho lobo do mar, de uma narrativa das antigas aventuras, da vida de marinheiro que tivera.

O ouvinte, era também um velho de barbas longas e brancas. Nascido lá pelos misteriosas terras da Índia. Os dois se encontraram, e as passadas aventuras vivem no presente. São narradas na sua simplicidade de homens simples. Lutas cruentas com gente cruenta. De faca. De baioneta. De revólver. O marinheiro falava:

— Você não imagina, meu velho, o que seja um porto, quando o veleiro está em perigo. As velas enfundadas parecem criar mais força, com medo do inimigo. O capitão manda a manobra, e, dentro do seu coração rude, o desespero invade a alma. E, de repente, naquele inferno calmo de águas azuis, com a presença do infinito, eis que se divulga um ponto negro no horizonte. "Terra!" Gritam em alvoroço, os miseros homens. "Terra!" E, para nós, a faixa, pouco a pouco avança; o ancoradouro nos apresenta em toda plenitude. Terra! Repouso. Calma. Perigo vencido. Entoamos, então, uma canção melancólica, saída dos lábios rudes, das vozes rouquinhos.

Uma vez desembarcados, lá estão as mulheres a nossa espera. Corremos para elas, como lobos esfaimados, e esquecemos o tempo, o mar, os escolhos...

O velho marinheiro, ao finalizar, ficou a olhar o passado, representado, naquele momento, pela chuva que molhava as lajes da rua.

O companheiro indú, também ouvia, e seus pensamentos perdiam-se pelo tempo. Por fim, falou:

— Sabe, o nosso porto é diferente...

— Mas como?! Perguntou-lhe o outro. Você já foi marinheiro?!

— Sim; marinheiro dos mares de creia, meu caro.

— Ah!... quer dizer que...

— O deserto foi o meu oceano. Interrompeu-lhe. Você não o conhece?

O marítimo balançou a cabeça, negativamente.

— Pois sim: nos oceanos de areia, não temos o balanço característico do barco. Apenas o andar vagaroso do camelo, e as ondas paralizadas. Que não se quebrem. Que não batem de encontro ao nosso "veleiro". Navegamos dia e noite, e elas são sempre as mesmas... Somente o clarão do luar prateia-lhe as lombadas, e o beduíno medita. Além do nosso antigo inimigo "Simum", encontramos outros, mais cheios de feitiçarias. Ainda me recordo da última viagem que fizemos pelo Sahara.

Brilhavam os olhos do beduíno:

— Andávamos dias e noites. Pelo sol abraçador, quase a morrer de sede. Havíamos perdido a rota, e a grandeza do areial estendia-se a nossa frente, indefinível, indomita, aterrorizante! A desgraça, até que enfim, encontrou-nos: não havia mais AGUA! E

o que dantes não nos causava horror, daquele momento em diante, nos torturavam — as miragens! Gargantas secas, olhos dilatados. Repentinamente, um castelo maravilhoso aparecia-nos, cercado de frutos e verduras, com córregos e fontes cristalinas. "Vamos!" "Estamos salvos!" Gritávamos com alvoroço, em febre. Corriamos... e ele se afastava. "Não!" Bradávamos. "Temos sede! Sede! Um pouquinho daquela! Tão pouco que as vossas fontes não sentirão falta!..." E o castelo sumia-me, dando lugar a um oásis. "E' ele! Chegamos!" Arquejando, corriamos pelo areial ardente. E o oásis, como uma oferta dos infernos, desaparecia, como por encanto. Os sonhos dos beduínos ladrões acabavam-se. Era a alucinação! Era o clamor! Então, todas as passagens de nossas vidas errantes e cheias de ambições, desfilavam ante nossas vistas. E eu via em nossas figuras sedintas, a figura de todos os homens, quando o ideal sucumbe, e a felicidade não se encontra. A nossa felicidade, como a dos demais, estava naquelas miragens que nos enganavam. Queríamos alcançá-las, e elas se

perdiam no meio das ondas inertes. Cada grito de AGUA! que eu ouvia, sentia a palavra FELICIDADE!. Criei um ódio ali, de todos. De todas as mulheres. De todos os homens. De todas as crianças. Já estávamos prestes a cair resignados ante Alá, quando um novo oásis apareceu. Água e verdura! "E' mentira!" Uivaram os companheiros. "E' uma miragem!" Gritei: "Avancemos homens! Talvez que a miragem oferecida por Alá, se concretize". Os rostos barbados e queimados. Os olhos encarnados. As roupas rasgadas, os condenados corriam. Oh! ventura das venturas! Oh! Alá! O oásis se aproximava! Era verdadeiro! Os companheiros gritavam de alegria.

— E então, meu amigo, alcançamos a ilha de verdura. Era real. Mergulhámos as bocas sedintas nos poços daquela clara, e bebemos... bebemos... Água! Tínhamos por felicidade, achado o porto do deserto.

— Mas nesse porto, meu amigo, a hospedagem é diferente da dos marítimos: nada de cabarés nem de mulheres; nada de vinho; nada de gritos de farras. Somente o gemer da brisa pelas palmeiras, produz a música que nos delicia o coração na noite fresca. De mulher, só a lua que nos acaricia meiga, com seus raios suaves. De vinho, só as fontes de águas cristalinas que nos matam a sede. De iguarias, só as tâmaras que nos alimentam. De canções melancólicas, de urras, de alegrias, somente a prece que fazemos, ajoelhados na areia, com o rosto entre as mãos apoiadas no solo, durante horas, a Alá...

E naquele momento, o velho beduíno, como eterno agradecido ao seu deus, baixou a cabeça, onde estava com o companheiro, e rezou...



Desenho de Q. CAMPOFLORITO

CORRENTES CRUZADAS

AFRANIO COUTINHO

NÃO foi somente Saint-Beuve quem louvou em Goethe o maior de todos os críticos, o "rei da crítica"; também Mathew Arnold dê-le disse que era "o crítico supremo". Se tentarmos comprovar tal opinião, examinando a contribuição goetheana à crítica, é possível que nos decepcionemos, pois não há na obra do gênio de Weimar um corpo sistemático de doutrina crítica. Suas intervenções diretas no campo da crítica poderão reduzir-se a uma vintena de artigos ou ensaios; o mais é composto de trechos esparsos na sua obra de ficcionista, nas cartas e nas "Conversações com Eckerman". Mas, com esse material à primeira vista escasso, o sábio Spingarn logrou editar um belo volume. Lá estão: o ensaio sobre a "Arquitetura alemã", a crítica sobre o Hamlet tirada do "Guilherme Meister", os ensaios "Shakespeare ad Infinitum", "Os métodos da crítica francesa", "Suplemento à Poética de Aristóteles", "O teatro alemão", "A poesia didática", "A teoria da Literatura Mundial", e outros pequenos artigos de circunstância sobre Byron, Calderon, Molière, Sterne, etc., além dos trechos das correspondências e das "Conversações".

x x x

Não há sistema na crítica de Goethe. Já se disse mesmo que para o clássico ele é um romântico extravagante, enquanto o romântico o vê como um clássico frio. Suas mutações compreendem-se facilmente dentro do quadro flutuante e mutável da época. Romântico desde a fundação do "Sturm und Drang", romântico toda a vida em sua obra lírica, não deixou de atacar os exageros do romantismo e de tornar-se helênico, como a traír um espírito formado numa at-

mosfera ainda neo-clássica. E é bem significativo que em sua peregrinação à Italia (1786) só lhe haja chamado a atenção o lado clássico, o antigo, da arte italiana, escapando-lhe totalmente o elemento romântico da Renascença peninsular, desdobrado posteriormente no Barroco.

x x x

A despeito dessa ausência de sistematização, a contribuição goetheana à crítica não deixa de oferecer interesse, partindo como parte de uma inteligência infinitamente dúctil e forrada de extrema capacidade de discernimento e de um gosto apuradíssimo. Dificilmente terá havido nos tempos modernos natureza mais ricamente dotada. Não será em vão que ele tocará mesmo ocasionalmente, em pontos de arte ou literatura. Há muitos desses espíritos que, sem ser formalmente críticos, concorrem extraordinariamente com "insight", para iluminar de todos pontos contró-

x x x

Mostra Baldensperger que, no particular, há em Goethe uma herança de certa ideologia grega, segundo a qual a norma do espírito atento à realidade é o conhecimento das coisas pelo seu "devenir". "Foi seguindo sempre a gênese das coisas que logrei atingir uma visão intuitiva", disse ele em carta em 1800. E, aplicando esse método às produções do espírito, mostra o crítico francês, chegou ele à concepção do "sinigermassen", isto é, "que a apreciação estética deve completar o que a "história" reunir em fatos, datas, nomes, assuntos, os quais nada decidem de essencial, não vão além da materialidade ou da aparência de um esforço de

criação, só fazem justiça ao

"Chegamos assim aos novos poetas franceses, a o sentido dos termos "clássico" e "romântico".

"Uma nova expressão ocorre-me", disse Goethe, "que dá uma boa definição do estado da questão. Para mim, o clássico é o "sadio", o romântico, o "mórbido". Nesse sentido, o "Nibelungenlied" é um clássico como a "liada", pois ambos são vigorosos e saudáveis: A maioria das produções modernas são românticas — não porque são novas, mas por serem fracas, mórbidas, doentias. E o antigo é clássico — não por ser velho, mas porque é forte, alegre, saudável. Se distinguirmos clássico e romântico por essas qualidades, é fácil vê-las coisas claramente. "Conversações com Eckermann", 2 de abril de 1829.

O caso Pound reacende-se agora com a concessão do prêmio de poesia da Biblioteca do Congresso ao seu "Cantos Pisanos", continuação dos "Cantos", o impenetrável poema épico que vem sendo composto por ele desde a mocidade. Nascido na América, o poeta achou a vida insuportável em seu país, exilando-se para a Inglaterra, depois para a França e afinal para a Itália, onde se fez fascista, e, durante a guerra, se levantou contra os adversários democratas dos países do Eixo. Prêso pelo exército americano, repatriado, foi considerado um caso mental e recolhido a um hospital para psicopatas, onde carpe a sua sorte, não sem continuar a exprimir suas lamentações e seu ódio do mundo moderno, sua volta à Idade Média, no poema agora premiada. Qualquer que seja a opinião que se tenha so-

bre sua obra, e sem querer entrar no julgamento de sua atitude política, não deixa de ser apaixonante o destino dessa figura de medieval desgarrado, no mundo moderno, e que se levanta como um permanentemente rebelado contra a era da máquina e do capital. Grande inovador, sua influência é decisiva na poesia contemporânea de língua inglesa, tendo ido buscar à poesia trovadoresca a inspiração e as regras para essa tarefa revolucionária. Músico e poeta, soube reunir música e poesia numa obra que além de tudo oferece a maior perfeição técnica, sendo ele considerado um mestre artífice do verso. Louco ou não, protesta vivo contra o mundo moderno, suas grandezas e misérias, não poderia ter Ezra Pound maior castigo do que a repatriação.



Recordação

MARIO LIMEIRA

GRITO

RETIDO NO PEITO.

TURVOS OLHOS DE MINHA
[FACE
EM CUJAS LAGRIMAS RE-
[CURVAS
DESVENDO IMAGENS IGNO-
[RADAS

SONHO, SONHO MEU DESA-
[CORDADO
— O' VISÃO IMPOSSIVEL DE
[DECIFRAR
POR ENTRE ESPINHOS E
[VÔOS DE AGUIA.
BRUMAS, TEMPOS IDOS...
FAMINTOS CAVALOS ADOR-
[MECIDOS
NA VERDE PLANÍCIE DE
[IBITURUNA

O "Realismo Mágico" de Thomas Mann

(Conclusão da última página)

cial. Não esqueçamos, no entanto, que esta luta não visa partidos, regimes, ou paixões de caráter temporário. Podem estar em jogo no momento estas situações accidentais, mas por seu intermédio a visão dos intelectuais se dirige para mais longe: o que eles pretendem é a defesa de princípios morais e de ideais humanos, os de justiça, os de liberdade, e os de verdade. Esta colocação no plano dos princípios e das ideais — conclue — "é que torna possível ao intelectual o exercício de seu título de cidadão sem que esteja traindo o seu outro título de "clérigo". É pois, perfeitamente justificável aquela atitude de Thomas Mann e a sua posição de luta e de revolta, sem trair, contudo, a sua condição de intelectual e de artista.

Em todos os seus livros mais representativos a ação desenvolve-se entre um profundo idealismo social e aquele "realismo mágico" tão próprio de sua natureza psicológica e humana. Coloca-se — em "A Montanha Mágica", por exemplo — acima dos conceitos e princípios puramente sociológicos e éticos descobrindo, deste modo, um novo território da consciência social que corresponde realmente aos mais puros e indomáveis impulsos do nosso espírito e da nossa inteligência. Diante desse livro poderoso a gente se vê obrigada a lembrar um William Faulkner em "Luz de Agosto", um André Gide em "Les faux monnayiers", um Bernanos em "Les grandes cimetières sur la lune", pela intensidade dramática, pela força de análise e sentido profundamente humano de seus personagens, como pela técnica essencialmente subjetiva que utiliza. Velando-se do romance como processo essencial nestas sondagens do social e do humano, ele reivindicou ao mesmo tempo para esse gênero da novelística, a sua característica mais forte e decisiva: a de explicar os pro-

blemas humanos e sua natureza social e telúrica. Todos eles se encontram sob o signo da independência e da coerência sem trair, contudo, a finalidade existencial da arte, a qual, me parece, deve ser a fixação comovida da existência humana, em toda a sua plenitude, sem recorrer a um material passível de ser considerado dolorosamente inhumano e inverossímil, ou transforma-la num desfile macabro de aberrações caçadas nos desvãos escuros das anomalias. A humanidade que ele retrata é a que luta desesperadamente para restaurar o verdadeiro sentido da pessoa humana, tão deturpada pelos materialistas ou dialéticos, e restituir ao homem a sua mais elevada categoria: a dignidade da pessoa. Restituição essa, porém, que não esquece o realismo em face do mundo, a hierarquia em face dos apêlos do corpo e do espírito.

Em "Tonio Kröger" como em "A morte em Veneza", ou no "Os Buddenbrook" com o qual conquistou o Prêmio Nobel de 1929, o que vemos e sentimos é um insistente apêlo para uma luta constante pelo aperfeiçoamento moral, pela dignificação da pessoa humana, pela revolta contra o pecado e a violência. As atitudes e ações de seus vigorosos personagens — como Naphta ou Hanno Buddenbrook — constituem o reflexo mesmo de uma poderosa personalidade que realiza plenamente no romance o seu objetivo de heroísmo espiritual. Não um heroísmo quixotesco à maneira de certos idealistas que não podem ou não querem enxergar algumas realidades do homem e do mundo. Mas um heroísmo consciente de seus meios e de seus fins, que não compromete, de nenhum modo, a sua posição ou a sua dignidade de homem de

letras. O que ele faz é uma verdadeira análise da condição humana. E isso constitui a sua ciência e a sua força. O homem agônico e torturado de nossos dias está ali todo, tal como é em suas paixões, pequenos ridiculos, defeitos ou mediocridades. Faz o que Jean Cocteau chamaria — e que deve existir em todo verdadeiro romance — um "esforço de imaginação aplicado, não aos acontecimentos exteriores, mas à análise dos sentimentos". É como resultado que nos dá essa magnífica imagem do homem moderno — paradoxal e indeciso, fraco e contraditório — que é a mais exata, a mais penetrante, a mais sincera de quantas já aparecidas.

Ainda penso que um romance deve constituir uma análise de um ou vários caracteres, sem preferir ângulos parciais, sem os isolar das influências exteriores, fixando-os numa atmosfera real e em tudo coerente às suas próprias realidades psicológicas. Isso porque não podemos compreender o personagem autônomo, dissociado totalmente da vida exterior, ou apenas fixado unilateralmente em um dos seus ângulos, seja o material ou seja o mental e psicológico. Thomas Mann, muito ao contrário, cria uma atmosfera psicológica totalizante e universal em todos os seus romances, e faz com que os seus personagens se apresentem, quer em suas vidas interiores, quer em suas vidas exteriores, vigorosamente coerentes e harmônicos. Não pretendo dizer com isso, porém, que o espírito de seus personagens fique sujeito ou escravo das catalogações técnicas ou geográficas dentro do romance. Não, absolutamente não. Sei muito bem que sob as aparências e diferenças externas nascidas dos costumes, hábitos ou preconceitos lo-

cais, existe, irrecusavelmente, eterno e universal, um mesmo sentido humano em todas as criaturas, estejam nos Pampas ou residam nas longínquas e misteriosas montanhas do Tibet.

Creio pois, que não será somente observando a sua vida, como querem alguns, que se explicará satisfatoriamente o sentido da obra em Thomas Mann. Muito menos, será somente lendo os seus grandes romances cíclicos que teremos a explicação ou o devido esclarecimento sobre a existência humana desse vigoroso romancista. Nem sempre um autor se explica e se "confessa" nos seus livros, e quasi nunca eles podem explicar suficientemente um autor. Nem sempre um livro reflete o verdadeiro caráter de um escritor, nem tampouco, às vezes, a sua obra se revela como uma "confissão da personalidade", uma projeção de si mesmo e do seu mundo interior. Por isso, de sua obra, já hoje vasta, só extrairemos uma lição e uma experiência definitivas: a do verdadeiro artista e creador. No mais belo e aristocrático sentido. Sentido de uma permanentemente vigília contra os erros humanos que significa ao mesmo tempo uma vontade serena dos que procuram realmente lutar contra o mal da nossa natureza viciada e esquecida de sua missão. Sentido de revolta que é também o de mais puro heroísmo espiritual. Tudo em Thomas Mann é uma sugestão e um convite para que o homem alcance a sua plenitude e a sua dignidade intelectual. O seu "realismo mágico" que tanto faz lembrar um Novalis, o seu critério de subordinação das ações humanas a um espírito transcendente de humanidade; o seu constante esforço espiritual no sentido do bom, do verdadeiro e do belo — são sugestões magníficas para todos aqueles que na hora presente se batem pela redenção definitiva da inteligência.

O "Realismo Mágico" de Thomas Mann

WILTON VELOSO

THOMAS MANN é atualmente um dos escritores que mais identidade possui de um autêntico "clérigo" da literatura. Não sei de outro homem de letras contemporâneo em quem possa se ajustar melhor aquela célebre denominação de Julien Benda. Sem os exageros, é certo, contidos naquela ortodoxia conceitual, já hoje histórica, do autor de "Trahison des clercs".

O romancista de "A Montanha Mágica" será, podemos dizer, um "clérigo" que insinua e sugere. Não toma partido para não trair a sua condição de intelectual, como também, para não fazer concessões ou limitações deprimentes à sua inteligência e à sua imaginação. Sua atmosfera espiritual é a de um disponibilismo quasi gideano, perturbadoramente serena e sem grandes angústias. O que confere à sua obra toda a grandêza e universalidade, consagrando-a como uma das mais poderosas e simbólicas da literatura contemporânea. Porque, na verdade, apesar de todas as suas experiências espirituais e políticas, de todas as suas angústias e indecisões, de todos os seus conflitos interiores e contradições aparentes como homem e cidadão, Thomas Mann conservou-se genialmente puro, quasi intocável, como artista e creador. Dentro de sua arte não existe, como muitos pretendem ver, um sentido ou uma finalidade de "apostolado ou propaganda". Ela pode, é certo, em sua estrutura íntima, sugerir uma determinada tendência intelectual ou espiritual, mas também, — e isto é essencial — conserva-se artisticamente irredutível, sem caráter de temporalidade, mas com

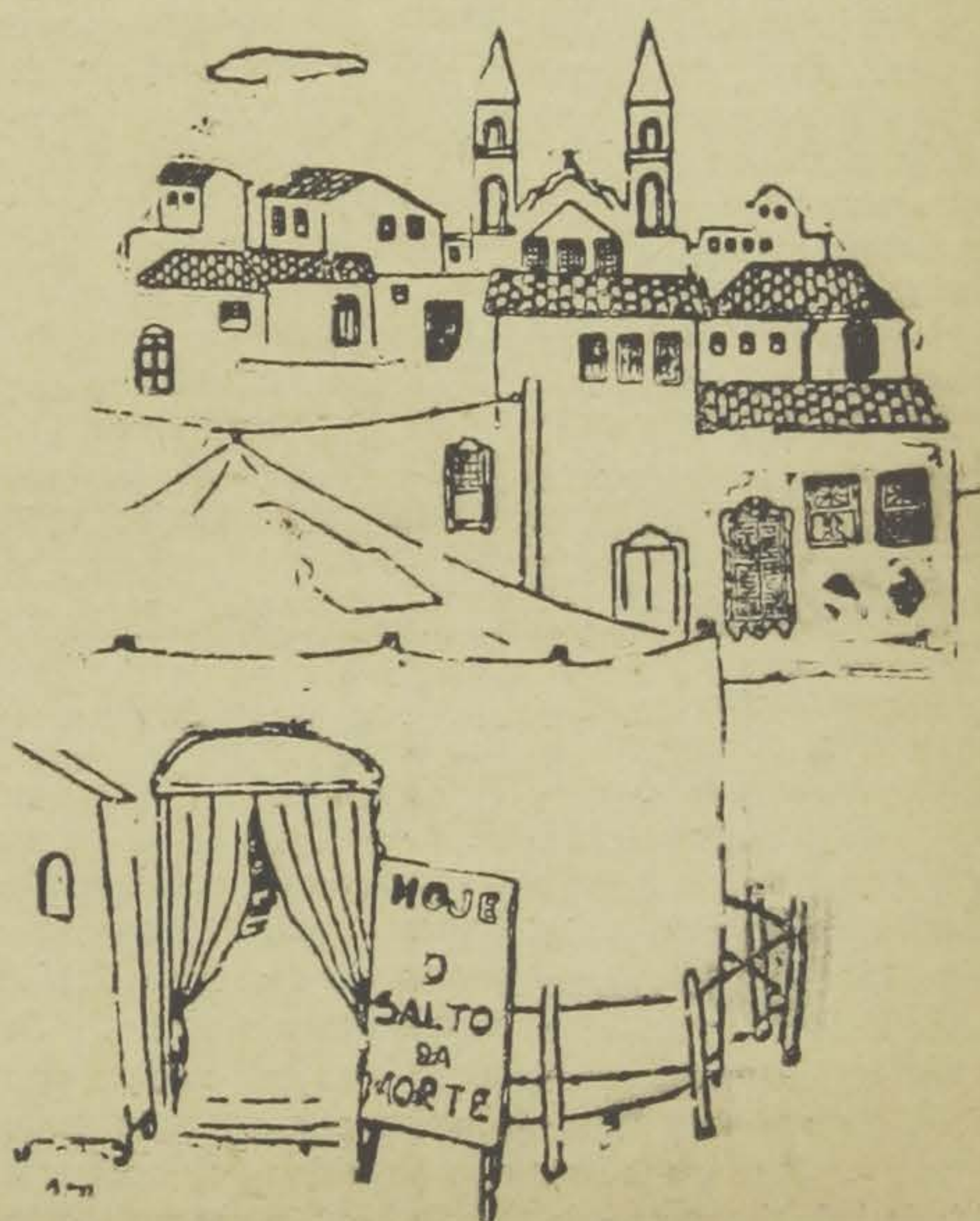
um sentido de profunda transcendência, de real sobrevivência e eternidade. Temos o exemplo disto no "Os Buddenbrock", romance em que encontramos todos os princípios e ideias da filosofia schopenhaueriana, de glorificação da dor e do auto-aniquilamento, enquanto que, em "A Montanha Mágica" o que sentimos é uma ansia incontida de vida e de beleza no mais justo sentido goethéano. Podem os seus personagens — um Setembrini, um Naphta, ou um Hans Castorp — assumirem esta ou aquela atitude mental e filosófica — revolucionária ou reacionária — em face das coisas e do mundo, mas aí estará tão somente a posição do "homem em si" e nunca a do artista, que conserva-se superiormente imparcial, que apenas sugere mas nunca conclui. Não há nisto, como podem pensar, uma "genero-

sa e heroica" traição de "clérigo". O que existe é uma lamentável confusão quando se procura situar em suas verdadeiras bases, esse problema mil vezes debatido e já classico, da posição do homem de letras e da finalidade da arte. Isto porque, a verdade humana contida num certo e determinado acontecimento social deve chegar-nos espontaneamente pela personalidade e pela capacidade de sugestão do romancista. O romance deverá ter, pois, o sentido de uma experiência vivida intuitivamente pelo romancista, que nos comunica e transmite a sua visão interior dos homens e do mundo. E para isto ele não deve repudiar uma situação qualquer, nem tampouco deve "aderir" à esta ou aquela mas, ao contrário, viver todas as situações possíveis, conservando ao mesmo tempo, a sua

personalidade insubstituível de creador.

É verdade que Thomas Mann, alemão de nascimento, vivendo atualmente como exilado na América do Norte, onde continua a sua obra, lutou e combateu contra os erros e injustiças dos dirigentes eventuais de sua pátria. E se ele, no seu "Avertissement à l'Europe", tenha se decidido a lutar, mesmo pessimista e desencantado, pregando uma volta ao humanismo e às verdadeiras formas que restituíssem ao homem o legítimo sentido de seus direitos e deveres, foi — como diz ele próprio — "para elevar-se a um nível moral que ultrapassasse de longe esta filosofia (o nazismo) que faz da violência e da mentira os princípios fundamentais da vida". Ele não poderia ficar calado e impassível deante do mal irreparável que naquele instante se verificava "contra a alma e o espírito, contra a justiça e a verdade na sua pátria". Não se pode, ainda mesmo assim, acusar-se o autor de "A Montanha Mágica" de trair ou de fugir ao seu papel de homem de letras, e à sua verdadeira posição de pureza e dignidade intelectual. A este respeito merecem ser repetidas aqui aquelas palavras esclarecidas de certo escritor e crítico literário nosso, quando acusado por alguns indivíduos de sua geração, de "faccioso e injusto" em sua crítica, por assumir uma posição de luta e adotar uma atitude — para eles, muito comprometedor — de católico militante. "Atravez de toda história" — diz ele — "vemos homens de letras e artistas que se decidiram a lutar no plano político e so-

(Conclui na página 15)



DESENHO DE J. GONÇALVES PARA O LIVRO ITAPAGIPE